

JACK WHITE

O trovador independente

Isaac Souza

Jack White

O Trovador Independente

Live do Amor - 15 de Maio de 2020, 19:30h (Instagram)

Por Isaac Souza

Algumas vezes eu escrevo o que penso; em outras, eu penso o que escrevo. O que eu estou compartilhando com você agora é o fluxo dos meus pensamentos, tal como eles me vieram e da maneira exata como minha pequena habilidade me permitiu escrever (transcrever?).

Esse texto não tem utilidade nenhuma para a transmissão ao vivo que é seu objeto, porque eu não tenho, nem que quisesse, condições de o consultar quando estou transmitindo - a menos que a Live do Amor fosse uma conferência, o que não é.

No entanto, percorrer esses pensamentos, sozinho, calçando as botas do escritor, pisando nos buracos e armadilhas da minha própria mente, é uma maneira de me preparar para lidar com o desafio que, para mim, é muito maior do que o de pensar e escrever a toque de caixa - o de pensar e falar.

Claro que na fala, também, a ordem “pensar - exprimir” às vezes também é subvertida: há vezes em que falamos o que pensamos, e há vezes em que falamos antes de pensar.

Tudo isto é o que estou pensando/exprimindo agora. E, talvez, na Live eu venha a falar - ou já tenha falado, não sei quando vocês lerão isso - o contrário do que pensei agora.

Dane-se. Estou com Nietzsche: “eu não morreria por nenhuma das minhas opiniões, mas morreria pelo direito de mudá-las”.

Por que Jack White?

Numa palavra: identifico-me com ele. É um artista que me inspira, me motiva - enxergo muito mais sucesso em Jack White na sua ousadia, em seu experimentalismo, na confiança que ele tem nos conceitos que inventa do que propriamente nas posições que suas músicas brilhantes ocupam nas paradas.

Então, quando fizemos a enquete e sugeriram que fizéssemos transmissões temáticas sobre artistas, um dos primeiros que me vieram à mente foi Jack White. Eu já havia pensado em fazer uma transmissão sobre Bob Dylan e, quem sabe, uma transmissão sobre Geração Beat, com algum poeta parceiro convidado. Mas como muita coisa que fazemos parte de mim, às vezes eu sou um pouco reticente com certas iniciativas. Por isso, recebi essa proposta, de homenagear e falar sobre um artista, com muita alegria.

Outras propostas feitas na enquete também são muito parecidas com coisas que eu já pensava, como Robert Johnson, ou como falar sobre livros. Algumas me surpreenderam, e isso me fez gostar muito delas: como bandas de uma época e gênero ou uma live com músicas montadas a construir uma narrativa, como uma ópera. Sugestões brilhantes. Sugestões geniais.

Então, para essa primeira Live feita a partir das propostas de vocês, eu escolhi homenagear Jack White.

Um Inventário de Horizontes

Eu me sinto identificado com Jack White de diferentes maneiras. Vou citar algumas, mas não por ordem de importância:

1. Como compositor - Jack White é, antes de tudo um compositor. Todo o resto - a voz, a guitarra, os efeitos, a estética visual - tudo está a serviço da música que ele e seus parceiros compõe.
2. Como guitarrista - Jack White é um dos guitarristas dos anos 90 que mais ganhou reconhecimento. E ele foi um quebrador de paradigma. Os anos 80 celebravam os guitarristas virtuosos, extremamente técnicos. Era o tempo das viagens espaciais, da caça aos ETs e aos OVNIs, dos filmes de viagem no tempo - tudo queria alcançar a velocidade da luz. Jack White surge com uma abordagem elementar. É como se o som dele fosse primitivo. Em vez de apostar na técnica, que era a aposta da maioria, Jack White apostou no estilo.
3. Como líder - Uma das coisas que mais chama atenção no Jack White, assim como em outros músicos que eu admiro muito (exemplo: Slash, Joe Bonamassa, Santana etc) é a capacidade que esses caras têm de organizar grupos ou de se unir a gente especial, diferenciada, seja para formar uma banda ou para um único projeto - e projetos em que essas pessoas podem dar o melhor de si. Em que outra banda do mundo a Meg White poderia tocar e realizar uma música tão boa, se não no White Stripes?
4. Como empreendedor - Jack White é um dos grandes nomes da música independente. Hoje, tem uma pequena gravadora em Nashville, onde produz seus próprios trabalhos, de amigos e de músicos iniciantes. White entendia o processo completo da música como arte e como negócio e se colocou a trabalhar com determinação.
5. Como cantor - Jack White me ajudou a lidar com a rejeição que eu sempre tive ao som da minha própria voz. Sendo dono de uma voz estranha, ele fez disso uma vantagem: estranho quer dizer "único".
6. Como performer - apesar de ser um cara introspectivo, White consegue dominar uma cena, dominar um palco, construiu uma estética visual que fala mesmo quando ele está em silêncio, fez de seus gestos uma linguagem e, apesar de *outsider*, é dono de uma admirável elegância.

Por que dizer “trovador”?

Descobri recentemente uma última coisa que, afetivamente, me ligou ao Jack White. Desde 2007, o poeta Renato Meneses me apelida de Velho Bardo. Como vocês sabem, o *bardo* é um poeta medieval - e não era um poeta como o poeta moderno (escritor de livros), o bardo era um cantor/compositor de canções. A poesia era compartilhada com as pessoas não na forma de um texto escrito, mas em forma de música. Desde que eu deixei de ser apenas guitarrista e assumi o trabalho de cantar, eu assumi também o epíteto dado pelo Renato.

Acontece que Jack White, desde 2006 faz parte de uma banda chamada **The Raconteur**. Em Inglês, “raconteur” significa literalmente “narrador”. Mas é também a palavra usada tanto nesse idioma quanto em francês para os poetas cantores medievais: um bardo era um raconteur.

Eu simplesmente gosto de preencher o meu trabalho com significados antigos que vem rasgando o tempo e bem ou mal sobrevivendo a todas as decadências seculares - e é divertido, para mim, saber que um outro bardo que admiro gosta do mesmo tipo de sortilégio. (Bob Dylan também usou recurso semelhante no título de seu livro de memórias, **Crônicas**. Oras! “Crônicas” era o nome genérico como eram chamados os livros antigos que contavam histórias de reis e heróis. como aqueles dois livros do Antigo Testamento).

Os nomes que nós damos aos nossos projetos, às nossas canções, as palavras que usamos para descrever as coisas, as pessoas e nós mesmos, elas são traduções de como nós concebemos, interpretamos, enxergamos essas coisas. O nome que Jack White escolheu chamar sua segunda banda é, podemos pensar, um indício daquilo que ele entende ser o seu trabalho: o de um narrador. Conscientemente, ele se considera um poeta de uma linhagem que não é a dos poetas das editoras, mas a dos poetas do alaúde. Francamente, talvez eu esteja apenas aplicando a Jack White o mesmo raciocínio que aplico sobre mim mesmo - mas não acho que seja o caso. Bob Dylan é outro que se reconhece como um herdeiro da tradição dos bardos (ironicamente, na língua inglesa, os antigos trovadores são muito mais valorizados do que na língua portuguesa - isso é irônico, pois o nosso idioma é herdeiro direto do idioma provençal, pátria dos trovadores... mas deixa isso pra lá, isso são questionamentos de historiador cultural).

O caso é que White dá-se a si mesmo uma assinatura de trovador.

O número místico

Não sei quantos de vocês sabem, mas eu tenho um xodó com um número. Pode soar contraditório, paradoxal - eu, pequeno obreiro do ceticismo, me apegar a uma mística como essa. Como cético, sou levado a duvidar também da razão e assumir com poesia e arte o que a irracionalidade dos meus sentimentos fazem eclodir em mim. Nasci num dia 13, aos 13 anos comecei a tocar guitarra, em meu primeiro vestibular, fui aprovado em décimo terceiro (mesmo tendo tido um Ensino Médio sofrível numa escola federal no fim do governo FHC), fui aprovado para o Mestrado em décimo terceiro - eu poderia fazer uma lista de coincidências entre mim, o número 13 e uma boaventura. De modo que eu adotei o número 13 como o que se costuma chamar de *número da sorte*.

Jack White leva isso um pouco mais a sério. Íntimo do número 3, ele o adotou até no nome: Jack White III. (Na verdade, ele se chama John Anthony Gillian, adotou o White de sua primeira esposa, Meg White - ela mesma, do White Stripes). Seu selo fonográfico é o Third Man Records. Antes ele teve uma empresa de estofados (porque na juventude, ele trabalhou como estofador), que também se chamava Third Man.

As Ideias Loucas e Libertárias

Eu adoro as ideias loucas de Jack White. Como fazer uma vitrola pra tocar vinil fora da atmosfera. Como criar uma produtora independente, que é também um selo, que é também um bar e uma casa de show, que é também um estúdio de ensaio e gravação, que é totalmente dedicada ao vinil. Como fazer vinis de 7 centímetros, tão pequenos que tiveram que inventar vitrolas especiais para tocá-los. Como o projeto do Ultra-LP, que é ao mesmo tempo um LP super grosso feito com material especial, e azul, que é também um holograma que se projeta quando o disco toca, que vem com um livro em capa dura, com letras, fotos e outras coisas, com posteres e fotos avulsas e não sei mais que surpresas ele escondeu ali. Todas as ideias de Jack White são tão arrojadas e improváveis quanto a própria White Stripes.

Jack White usava as turnês do White Stripes para fazer apresentações surpresa lugares pequenos, de graça. Jack White viaja atualmente com Bernie Sanders, o candidato socialista dos Estados Unidos.

O Último Rock Star

Vi um vídeo de um canal colombiano (ou era argentino?) cujo título era “Jack White, o último rock star”. Acho que o criador do vídeo tinha razão, de alguma forma. A era dos rock stars parece ter acabado, pelo menos da forma como era. Mas o que me chama a atenção é pensar que, se Jack White é o último representante de uma raça extinta, ele também é o primeiro de uma raça nova.

Os “rock stars”, como os conhecemos, como os anos 60, 70 e 80 conheceram, em última instância, produtos da indústria. Mesmo quando eles foram a pedra no sapato, mesmo quando eles foram a contradição - literalmente - gritante e revolucionária. Mas a cena, o pano de fundo, era a grande indústria fonográfica.

Mesmo as bandas grunge, que começaram nos infernos de Seattle, fizeram caminho rumo a grandes gravadoras para amplificar seu berro rouco e ensandecido de insatisfação e desejo.

Mas com White foi diferente - tratava-se de um projeto cuja independência era o DNA, que ocupou os espaços reservados à grande indústria. Aquele jeito noir de Jack White é coerente com essa ocupação de espaço digna de uma epopeia gangster, como a da família Corleone.

White foi o último rock star? O céu é cíclico. Num ciclo não se pode diferenciar o último do primeiro.

<http://bandacasinoquebec.com>